



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfr@dabr.com.br

Baila Vini Jr. 2

Na tarde de terça-feira, dei uma espiada na tevê que fica em frente ao pessoal da Editoria de Esportes para ver quanto estava o jogo Real Madrid e Borussia Dortmund pela Liga dos Campeões. Mirei no placar e verifiquei que estava 2x0. “É para o Real?”, perguntei. E logo me esclareceram: “Não, é para o Dortmund”. Em princípio, não torço para o Real nem para nenhum time europeu. Só torço e me retorço para os times que tenham jogadores brasileiros.

Que me desculpe o pessoal das novas gerações, que torce para times estrangeiros, no entanto, eu assisti ao Brasil ser três vezes campeão da Copa do Mundo, o São Paulo duas vezes campeão do mundial de clubes e o Flamengo, uma. Sei que o esporte se degradou como tudo no país, mas ainda mantenho viva essa memória. E, de vez em quando, surgem lampejos dessa utopia brasileira.

Voltei à minha mesa para trabalhar e quando pisquei os olhos na direção da tevê, o Real havia descontado com um gol de cabeça de Rudiger. Poucos minutos depois, mirei para o lado e divisei o Vini Jr. comemorando o gol de empate. Tudo transcorreu de maneira fulminante. Em seguida, Vini arrancou pela esquerda,

no campo do Dortmund, costurou a defesa com dribles desequilibrantes e bateu de chapa no canto direito do goleiro.

O terceiro gol foi quase que um replay do segundo, mas o interessante é que tanto no segundo quanto no terceiro gol havia espaço para o arranque de Vini, mas defesa não estava totalmente desarrumada. Existia uma linha de três ou quatro beques mais ou menos organizada. No entanto, Vini driblou com a velocidade do instinto, para o lado certo e pôde arrematar. É como se ele driblassem não só os adversários, individualmente, mas toda a movimentação do sistema defensivo em um átimo.

Quando me levantei para dar uma nova espiada na tevê, o placar estava Real 5

e Borussia Dortmund 2. Eu lembrei do Botafogo de Garrincha e Cia, do Santos de Pelé e Cia ou da Seleção de 1970. Em poucos minutos, um jogo difícil se transformava em uma goleada.

A avaliação desse jogo não vale para a premiação da Bola de Ouro para o melhor jogador do mundo em 2024, na segunda-feira. Mas, depois desse baile, será um vexame mundial se não derem o prêmio para ele.

Tenho uma longa relação com a cultura espanhola por ter sido leitor de Cervantes, de Unamuno, de José Ortega e Gasset e muitos outros grandes escritores e filósofos. No entanto, é revoltante o cinismo de La Liga, dos técnicos, dos torcedores e de parte dos jogadores

em relação ao racismo mais covarde dirigido a Vinicius Jr.

Os europeus querem descriminalizar o racismo e criminalizar a dança. Por mais absurdo que pareça, não seria tão difícil inibir manifestações de racismo, no Brasil e na Europa. Bastava que as ligas organizadoras dos torneios aplicassem duras sanções aos clubes de torcedores racistas.

Por tudo isso, torço duplamente para que Vini Jr. ganhe a Bola de Ouro. Ele é o melhor e o prêmio o fortaleceria na luta titânica que trava contra o racismo na Espanha, enquanto a maioria dos jogadores vive encerrado na bolha da alienação. Que ele continue brilhando nos campos. Baila, Vini Jr.!

Festa da música brasileira



Mestrinho se apresenta ao lado do grupo Choro Livre

O Festival Clube do Choro reúne artistas de diferentes gêneros para celebrar a diversidade da MPB

» TAINÁ HURTADO*
» BIANCA LUCCA*

Neste sábado e domingo, o público brasileiro poderá vivenciar um encontro rico de diferentes gêneros musicais em uma celebração da música brasileira. O Festival Clube do Choro reúne 12 artistas em apresentações comemorativas da diversidade e da riqueza dos ritmos do país. A programação tem início às 16h e se estende até às 22h30 no palco do Clube do Choro e na área externa do Espaço Cultural do Choro.

Promovido pela Escola Brasileira de Choro, o evento tem a presença de artistas renomados da cena nacional e de revelações musicais. Henrique Neto, diretor artístico do festival, explica que o projeto busca celebrar o Clube do Choro e a música feita no país. “O Clube do Choro é considerado por muitos artistas como o templo da música brasileira, pela qualidade da programação e pelas homenagens anuais

aos maiores compositores e artistas da MPB, e o festival condensa isso em dois dias de programação”, conta.

Com o objetivo de trazer novos ares da música nacional e brasileira, e ainda cultivar a tradição, o festival une diferentes nomes do país, alguns ainda em ascensão. É o caso da cantora Laura Medeiros, revelação do *The Voice Kids* aos 10 anos de idade, que está responsável pela abertura do primeiro dia de evento. Apesar da idade, Laura é de um talento raro e apresenta repertórios importantes da cultura brasileira, como Elis Regina.

Para Henrique, Laura representa a união da renovação da música nacional com a tradição e o legado deixado por tantos mestres da cena. “Ela com pouca idade já vem trazendo toda essa bagagem da tradição e esperança cultural que a gente tem e eu acho isso bonito, essa representação de uma criança já trazendo toda essa bagagem riquíssima da nossa música”, afirma. “O que mantém algo vivo é a sua renovação, são as suas novas ideias, são as pessoas que se apropriam de elementos e propõem um rompimento e novos limites.”

A presença de Laura é seguida da apresentação ‘Mestrinho in Trio’, ministrada pelo sanfoneiro Mestrinho. Ao cair do Sol, é a vez do pianista e compositor Francis Hime e da cantora Olivia Hime. Na transição para os espetáculos da noite, a Choro Popular Orquestra toma conta da área externa do Espaço Cultural

Divulgação



Banda A Cor do Som faz o encerramento do primeiro dia de festival, no sábado

do Choro, apresentação gratuita e comandada pelo maestro Fabiano Medeiros.

Os espetáculos noturnos se iniciam com a saxofonista Daniela Spielmann, integrante do grupo Rabo de Lagartixa, e com o regional Choro Livre. O encerramento do primeiro dia de festival é por conta da banda A Cor do Som. A programação eclética, com nomes nacionais e locais, atrai diferentes públicos e possibilita o alavancamento da carreira de artistas menos conhecidos.

“A ideia é que a gente consiga cada vez mais furar as bolhas e que as pessoas saiam de lá com

uma noção maior da grandeza da música brasileira, rompendo os seus limites e expandindo seus horizontes musicais”, ressalta Henrique. “Às vezes, a pessoa que gosta muito do Mestrinho porque gosta mais de música nordestina, vai ter a experiência de conhecer a obra de Francis Hime e Olivia Hime que são compositores espetaculares.”

No domingo, o trompetista Haniel Tenório abre as apresentações ao lado do grupo Choro Livre. Na sequência, vêm o flautista Dudu Oliveira e o bandolinista Hamilton de Holanda. A Choro Popular Orquestra toma conta da área externa novamente, desta vez, para introduzir o show do guitarrista premiado Paulinho Moska.

Com quase 40 anos de estrada, Moska se consagrou como um dos grandes nomes da moderna MPB. Para o show no Clube do Choro, o artista irá apresentar uma canção escrita em cima de uma partitura de um dos grandes nomes do choro brasileiro, Pixinguinha, encontrada após a morte do músico.

Para ele, o encontro diverso de tantos nomes da música brasileira representa com maestria a música popular brasileira e a capital federal. “Há uma complexidade em Brasília, uma diversidade muito particular dentro do próprio país, e eu adoro, porque eu me sinto no olho do furacão no Brasil em todos os aspectos”, conta. “O festival

é para que a gente possa se encontrar, conversar, ver um show do outro e assistir a um pouco, e participar dessa troca, dessa diversidade que vai acontecer.”

O bandolinista Hamilton de Holanda também reverencia essa troca com diferentes músicos no mesmo momento. “Cada músico traz uma visão diferente, uma energia única, e isso acaba se refletindo nas minhas composições e nas minhas abordagens ao instrumento. A música é uma linguagem viva, e essas colaborações ajudam a mantê-la em constante evolução”, destaca.

Um dos fundadores da primeira Escola de Choro no mundo (Brasília, 1997), Hamilton de Holanda cresceu em Brasília, onde iniciou a trajetória artística e, posteriormente, o transformou em um dos grandes nomes da música brasileira. “Voltar a Brasília é sempre especial pra mim. Foi onde tudo começou, onde cresci cercado por música

Confira a programação completa

Sábado (26/10)

- 16h:** Laurinha Medeiros e grupo Choro Livre
- 16h30:** Mestrinho e grupo Choro Livre
- 18h:** Francis Hime e Olivia Hime
- 19h15:** Choro Popular Orquestra (Área externa do Espaço Cultural do Choro)
- 20h:** Daniela Spielmann e grupo Choro Livre
- 21h30:** A Cor do Som

Domingo (27/10)

- 16h:** Haniel Tenório e grupo Choro Livre
- 16h30:** Dudu Oliveira e grupo Choro Livre
- 18h:** Hamilton de Holanda Trio
- 19h15:** Choro Popular Orquestra (Área externa do Espaço Cultural do Choro)
- 20h:** Pedro Martins
- 21h30:** Paulinho Moska

e cultura”, relata. “Estar de volta para me apresentar no Festival é como um reencontro com minhas raízes e, ao mesmo tempo, uma celebração da caminhada que me levou para o mundo.”

Para o show de domingo, o músico irá tocar um repertório baseado nas composições de várias épocas, junto com Big Rabello na bateria e Salomão Soares nos teclados, fortalecendo a relação entre o choro e o jazz. A escolha do repertório tem como finalidade proporcionar uma experiência que respeite a tradição, mas que também mostre caminhos futuros do choro.

“O choro é uma música que pode se renovar constantemente, e é essa característica que me atrai. Eu gosto de cruzar fronteiras. Isso permite que minhas composições e performances tenham sempre um frescor, sem perder o respeito pela tradição. Acredito que a colaboração com músicos e gêneros diferentes é uma forma de manter a chama do choro acesa e conectá-la com novos públicos”, finaliza.

* Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco

Rodrigo Simas



Paulinho Moska vai apresentar uma canção escrita em cima de uma partitura de Pixinguinha